

Com Jessie Buckley e Christian Bale em cena, Maggie Gyllenhaal faz de 'A Noiva!' um tratado autoral da luta contra opressões sexistas, celebrando a memória cinéfila de Hollywood

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Uns três anos depois de sua estreia como atriz, em "Terra d'Água" (1992), Maggie Gyllenhaal saiu de Los Angeles e foi para Nova York para cursar Literatura, na Columbia University, onde cabulou uma leitura que o corpo docente em geral recomenda à graduação: "Não li 'Frankenstein' quando precisava, mesmo tendo cursado Letras/Inglês, o que me leva a querer entender o que sua autora, Mary Shelley, teria a nos dizer sobre o mundo de hoje. Eu fiz 'A Noiva!' para deixar que Mary Shelley falasse através de mim", disse Maggie em entrevista via ZOOM, organizada para a Golden Globe Foundation, que contou com o Correio da Manhã, para celebrar a estreia de seu segundo longa-metragem como cineasta, após a consagração de seu "A Filha Perdida", indicado ao Leão de Ouro de Veneza em 2021.

Orçado em US\$ 80 milhões, "A Noiva!" ("The Bride") não apenas dialoga com a prosa de Mary Wollstonecraft Shelley (1797 – 1851) e com seu romance mais famoso, "Frankenstein" (1818), como faz dela uma meta-personagem, num misto de narradora extemporânea e comentadora dos fatos. Para ampliar a relevância de sua participação, Maggie confiou sua interpretação à atriz mais cotada para ganhar o Oscar no próximo dia 15: Jessie Buckley. Sua atuação é colossal e se faz ainda mais potente na troca com um ator em estado de graça, que já contracenou com a diretora no passado: Christian Bale. Ele era Bruce Wayne quando Maggie

Prometeu FEMINISTA



Ida (Jessie Buckley) se transforma em A Noiva ao despertar da morte

CRÍTICA CINEMA | 'A NOIVA!'

POR **RODRIGO FONSECA**

Cavalgando por saudades de Ida Lupina

Há um simbolismo cinéfilo... e, sobretudo, feminista... na escolha dos nomes Ida e Lupina para batizar a heroína e o vilão de "A Noiva!". Ida Lupino (1918-1995) foi, como Maggie Gyllenhaal, uma (grade) atriz que dirigia. O diferencial é que, a partir do fim dos anos 1950, quando virou cineasta, ela destacou-se dirigindo (para a TV) o gênero classificado como o "mais masculino" dos filões hollywoodianos: o faroeste. Rodou séries como "Paladino do Oeste", "Daniel Boone" e "O Homem de Virginia" fiel a um estilo épico dos titãs do banguê-banguê clássico (John Ford e Howard Hawks), mas com o alecrim da modernidade na representação das vulnerabilidades (como faziam Raoul Walsh e Anthony Mann). A certa medida, a releitura que Maggie propõe do universo de Mary Shelley gravita pela noção sociológica de corpos vulneráveis (e, a certa medida) vulne-

rabilizados, sobretudo quando trata de feminicídio, de agressões físicas às mulheres e de agressões verbais machistas. O silenciamento da voz feminina esgarça a ferida, mas há vulnerabilidade também na forma existencialista com que a cineasta – embalada pela trilha sonora sinestésica da compositora islandesa Hildur Guðnadóttir – representa as angústias dos homens de maior importância para o enredo. O encantamento de seu Frankenstein por musicais à la Fred Astaire & Ginger Rogers dilui a caricatura de macheza associada de costume à monstrosidade – numa forma bem parecida com a que Lupino filmava caubóis. As atuações coruscantes de Jessie Buckley e de Christian Bale, em covalência plena, pavimentam o chão para o filme abrir (e levar a fundo) muitas discussões, ressaltando suas críticas à bestialidade sexista sempre que Penélope Cruz entra em cena, em estado de graça.

sistido ao clássico do terror "A Noiva de Frankenstein" (1935), de James Whale (1889-1957), no qual Elsa Lanchester (1902-1986) assume a figura que "deveria" ser eixo da trama, ao lado do mais famoso Frankenstein das telas, Boris Karloff (1887-1969). "Muitos filmes feitos no passado não davam voz às mulheres e eu queria mudar essa realidade, sobretudo avaliando o potencial que aquela personagem, a Noiva, tem. A ideia era retratar o monstro que existe em cada um de nós e mostrar que todos temos coisas terríveis em nós, mas também temos valores inestimáveis. Tentei escrever o roteiro sem ter um elenco específico em mente, mas Jessie não saía dos meus pensamentos", disse Maggie.

Na versão escrita por Maggie, Shelley comenta (provocativamente) a saga de Ida (Jessie), uma vítima do gângster Lupino (Zlatko Buric), que, depois de morta, é ressuscitada pela cientista Euphronious (Annette Bening), a pedido de um visitante inesperado, a criatura de Frankenstein (Bale), que almeja ter um amor. Um detetive (Peter Sarsgaard, marido de Maggie) e a aspirante a policial Myrna Mallow (Penélope Cruz) vão cruzar os caminhos desse casal, enquanto eles vão de cinema em cinema atrás dos filmes de Ronnie Reed (Jake Gyllenhaal, irmão da diretora).

atuou em "Batman: O Cavaleiro das Trevas" (2008).

"O trabalho com a língua aqui, nos diálogos, é tão preciso,

pois são palavras de valor raro", diz Buckley, que encarna ainda o papel título sob a luz dionisiaca da fotografia de Lawrence Sher.

Filha do casal de cineastas Naomi Achs e Stephen Gyllenhaal, Maggie confessou que o projeto nasceu depois de ter as-